



## A Desconhecida Produção Contemporânea da Agricultura Familiar em Goiás

Valtuir Moreira da Silva (UEG)<sup>1</sup>

Eduardo Sugizaki (PUC/GO)<sup>2</sup>

**Resumo:** Tomando-se como exemplo a Microrregião de Ceres, no Estado de Goiás, procuramos levantar indícios consistentes de subnotificação nas estatísticas oficiais da produção agrícola no Estado, a propósito da “agricultura familiar” ou “camponesa”. Apresentamos dados do Instituto Mauro Borges (IMB), órgão oficial do Governo Estadual e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esses dados são comparados a um levantamento realizado junto aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, feiras-livres de produtores e em visitas diretas aos próprios produtores. Capítulo de resgate da economia rural, este artigo pretende colocar na apropriada posição política a contribuição camponesa na história presente da sociedade local e regional, como amostra da vida nacional.

**Palavras-Chave:** Agricultura Familiar, Produção Camponesa, Sociedade Rural.

### The Unknown Contemporary Production of Family Farming in Goiás

**Abstract:** Taking as an example the Microregion of Ceres, in the State of Goiás, we seek to raise consistent evidence of underreporting in the official statistics of agricultural production in the State, regarding “family farming” or “peasant farming”. Data from the Mauro Borges Institute (IMB), an official body of the State Government and the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), are presented. These data are compared to a survey carried out with the Rural Workers' Unions, farmers' free markets and on direct visits to the producers themselves. Chapter of the rescue of the rural economy, this article intends to place in the appropriate political position the peasant contribution in the present history of local and regional society, as a sample of national life.

**Keywords:** Family agriculture, peasant production, rural society.

### Apresentando o Objeto

A história de marcha, luta e embates dos camponeses no Brasil deve ser parte integrante das narrativas dos que devem ser entendidos como sujeitos ativos do processo histórico brasileiro e devem ser reconhecidos pelo conhecimento que a sociedade tem de si mesma. A subnotificação das estatísticas são obstáculo a tudo isso, sobretudo, quando diz respeito à produção agrícola familiar.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO). Doutor e Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor no Curso de História e Coordenador do Projeto de Extensão Alternativas à Violência: Educação para uma Cultura de Paz na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Itapuranga).

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutor em Filosofia pela Universidade da Picardia Jules Verne. Doutor em História, Mestre e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder do Grupo de Pesquisa La Folie.



Temos importantes pesquisas, obras publicadas e muitos debates produzidos sobre os camponeses brasileiros. Todavia, intentamos apresentar um olhar renovado sobre esses sujeitos sociais em Goiás, os trabalhadores da agricultura familiar, ao procurar criticar e ultrapassar os dados coletados e divulgados pelo Instituto Mauro Borges (IMB)<sup>3</sup>, consubstanciados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Buscamos, com isso, entender e superar os vários silenciamentos que essas estatísticas impõem à produção alimentar no Estado pela via de uma subnotificação que desvaloriza a produção agrícola camponesa/familiar.

Ao discutir as questões históricas e econômicas dos camponeses na Microrregião de Ceres, nos baseamos na subdivisão produzida pelo Estado de Goiás, a partir do Instituto Mauro Borges (IMB), órgão que produz pesquisas sociais, econômicas, culturais com dados sobre o desenvolvimento estadual. Compete ainda informar que os dados apresentados por este órgão foram coletados em 2017, ainda não atualizados. Propomos também, destacar a produção de certos alimentos que não são incluídos na mensuração das estatísticas oficiais, de maneira que nosso levantamento original serve como contraponto às estatísticas apresentadas pelo IMB e IBGE.

Metodologicamente são usados dados coletados no Banco de Dados do IMB, a partir da divisão na Microrregião de Ceres, composta pelos seguintes municípios: Barro Alto, Carmo do Rio Verde, Ceres, Goianésia, Guaraíta, Guarinos, Hidrolândia, Ipiranga de Goiás, Itapaci, Itapuranga, Morro Agudo de Goiás, Nova Glória, Nova América, Pilar de Goiás, Rialma, Rianápolis, Rubiataba, Santa Isabel, Santa Rita do Novo Destino, São Luiz do Norte, São Patrício e Uruana.

O que construímos, como alternativa às estatísticas oficiais, está baseado em dados consolidados das instituições e entidades que representam os agricultores/camponeses, com

---

<sup>3</sup> Para conhecer um pouco do que seja o IMB, veja a apresentação que está disponível na sua página principal O Banco de Dados Estatísticos do Estado de Goiás (BDE/GO) é um sistema de informações estatísticas relativas ao Estado de Goiás e a seus municípios. Contém séries históricas que, para algumas variáveis, cobrem desde o ano de 1980. São informações das áreas física, econômica, social, financeira, política e administrativa, que podem ser pesquisadas por municípios, regiões geográficas do IBGE, regiões de planejamento do governo do Estado e total do Estado. O BDE/GO é um banco de dados dinâmico. As consultas podem ser montadas conforme necessidade, interesse e critérios do usuário, sendo possível realizar tabulações e cruzamentos a partir das diversas séries históricas disponíveis. Para algumas consultas o BDE/GO possibilita, adicionalmente, a geração de mapas temáticos. O sistema BDE-Goiás é resultado do sistema IMP desenvolvido pela Fundação Seade do Estado de São Paulo, cuja doação à Associação Nacional das Instituições de Planejamento, Pesquisa e Estatística (ANIPES) permitiu seu uso pela Economia/GO/IMB, que promoveu as necessárias adequações. As melhorias realizadas no IMP pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) repassadas a esta instituição e o apoio técnico, enriqueceram o resultado final que, com muita satisfação, colocamos à disposição dos usuários.



enfoque prioritários em duas municipalidades Itapuranga e Morro Agudo de Goiás, pois aí obtivemos maior colaboração dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e a nossa observação direta teve maior alcance e profundidade, como demonstram os dados e informações coletadas nas feiras de produtores locais.

Mas, essas escolhas metodológicas, também são guiadas pela realidade. O município de Itapuranga se notabiliza pela participação dos produtores da agricultura familiar na composição da sua produção global. Já o Município de Morro Agudo de Goiás, emancipado em 1988, foi privilegiado em função da existência de um importante foco da luta pela reforma agrária: o Acampamento Marielle Franco, que desde 2018, sua produção agrícola foi foco de nosso levantamento *in situ* detalhado para os fins do presente artigo. Tais dados são apresentados ao longo do trabalho como forma de demonstrar a subnotificação da produção alimentar dos camponeses em dados estatísticos oficiais, culminando com a ausência de políticas públicas para tal segmento.

Compete ainda informar que alguns autores ajudaram nas reflexões e apropriação de alguns conceitos e paradigmas nesse debate da história campesina no Brasil, com recorte para Goiás, no contexto do século XXI. São nossas referências centrais: Teixeira e Linhares (1999); Brandão (1986); Pessoa (1999); Thompson (1998); Martins (1990); Lamarche (1997); Gricoli Iokoi (1996). Lembrando que não houve uma preocupação de seguir uma linha ideológica como caminho único, daí a ideia de uma análise da marcha camponesa regional na atualidade, procurando entender a sua produção de alimentos.

Por outro lado, o presente trabalho vem alinhar-se a pesquisas sobre a agricultura familiar no Estado de Goiás, com as quais visa contribuir, acrescentando dados que são inéditos também para elas. Entre essas pesquisas, destacamos: Mendes (2005); Mesquita e Mendes (2012). Para Matos e Marin (2009):

Esses agricultores passaram a desenvolver sistemas de produção orientados para a diversificação produtiva, com vistas a atender às necessidades alimentares do grupo familiar e à comercialização de excedentes, para obter os meios de vida não produzidos diretamente na propriedade (MATOS; MARIN, 2009, p. 199).

A partir da diversidade produtiva, vamos encontrar campos de resistência frente ao processo monocultor da cana de açúcar, tese defendida por Lunardi (1999, p. 213) ao pesquisar a experiência dos agricultores familiares em Itapuranga, afirmando que “a tradição dos ‘pequenos agricultores familiares’ na prática de uma agricultura diversificada fez com que resistissem a esta tentativa, forçando a usina a buscar cana em outros municípios, inclusive distantes da sede, para que esta pudesse funcionar”.



Com esse aporte, procuramos chamar a atenção e o interesse pela marcha dos camponeses na trajetória histórica de nosso país, bem como contribuir para que sua visibilidade e ultrapassagem do silenciamento a que são submetidos pela subnotificação dos dados oficiais integre, alimente e fortaleça seu processo intenso de mobilização, enfrentamento para o incremento de sua capacidade de plantar e colher alimentos, para o incremento da luta pelo financiamento público da produção agrícola familiar e sua comercialização. Com nosso olhar às avessas, buscamos demonstrar que os dados oficiais balizadores das políticas públicas não levam em consideração o estado real do labor e experiência em fazer chegar todos os dias os alimentos nas mesas dos brasileiros.

O campesinato, conceito genérico que inclui os agricultores familiares, acampados, assentados, meeiros, arrendatários e em suas comunidades é responsável pelo plantio e colheita das frutas, legumes, hortaliças e cereais essenciais à alimentação cotidiana dos mais de 205 milhões de brasileiros. Nada de *pop*, *tec*, *agro*, tudo é trabalho com esforço, dedicação, sonhos e inúmeras labutas do dia a dia para fazer a terra se tornar um espaço de vida.

O camponês que trazemos ao nosso leitor, esse com quem tomamos contato direto através das visitas às famílias nos acampamentos da luta pela terra não é um mero objeto de história econômica, mas sujeito de um processo intenso de representação de um presente que se reinventa com as inúmeras marchas de um “passado cheio de agoras”, como nos ensina Walter Benjamin (1994).

### **Narrativas, Números e Muitos Olhares**

Conforme dados do Censo Agropecuário de 2017, os camponeses são responsáveis pelos alimentos em nosso país chegando a atingir 76% de todo alimento da família brasileira. Dados tabulados e noticiados<sup>4</sup> por algumas entidades representativas do campesinato nos dão algumas pistas e caminhos de reinterpretação acerca do tema. Nesse sentido, somos provocados a partir da divulgação nas páginas oficiais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), citando apenas dois movimentos que conseguem ter maior visibilidade nacional.

---

<sup>4</sup> Ao consultarmos os sites do MST e Contag, vamos sempre encontrar matérias e dados estatísticos que demonstram a pujança produtiva alimentar dos camponeses. Como demonstrando acessar em <https://mst.org.br/nossa-producao/>, no site do MST. Também no site da Contag, ao acessarmos <http://www.contag.org.br/index.php?modulo=portal&acao=interna&codpag=263&nw=1> vamos encontrar dados que demonstram a importância da produção camponesa na alimentação dos brasileiros.

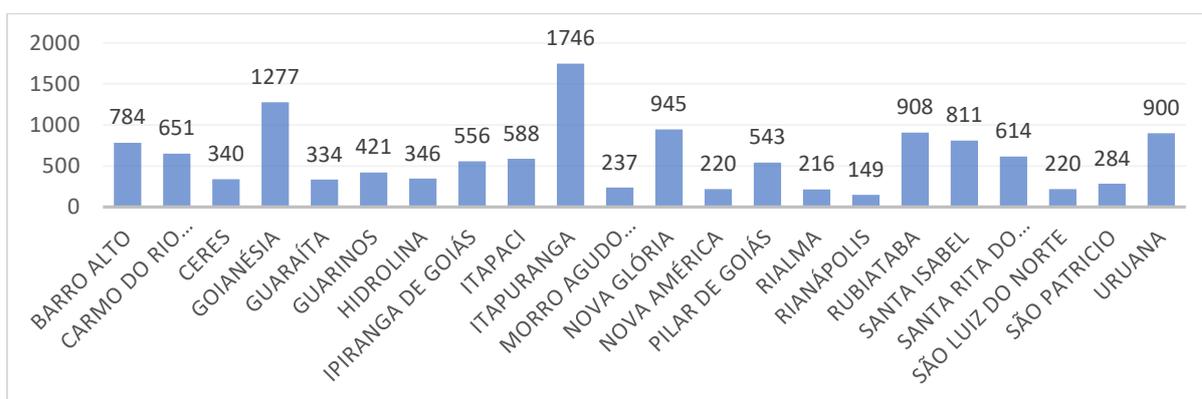


Sendo assim, as narrativas e números produzem muitos olhares. Sabedores da árdua tarefa de ajudar a pensar toda essa lógica interpretativa buscamos nos apropriar dessas estatísticas para entender o processo histórico camponês e sua invisibilidade na tabulação dos dados. Esta fonte nos orienta na busca de entendimento de como as lavouras que geram os alimentos se fazem presentes nos espaços definidos acima e como tais indicadores demonstram a ausência da grandeza da produção alimentar, não se tendo dados que demonstrem tais riquezas.

Antes de avançarmos no debate da invisibilidade, compete darmos uma olhada em nossa conversa inicial, acerca dos produtos listados na estatística de georreferenciamento do IMB referentes ao ano de 2017, possibilitando-nos fazer uma análise às avessas frente aos números tabulados. Assim, não constam as plantações e números colhidos de abacate, acerola, batata doce, coco, figo, gergelim, goiaba, limão, manga, tangerina, tomate de mesa e uva. De outro, em algumas visitas nas feiras da agricultura familiar da Microrregião de Ceres, constatamos que todos estes alimentos são comercializados pelos camponeses.

Para que tenhamos um olhar sobre esse território apresentamos um primeiro gráfico (Figura 1) que nos orienta de como está disposta a distribuição fundiária em domicílios na Microrregião de Ceres. Salientamos que não houve a preocupação do IMB caracterizar e diferenciar o que são os domicílios da agricultura camponesa e grandes e médios proprietários rurais. As informações se referem aos domicílios particulares permanentes, não sendo incluídos os provisórios, bem como aqueles que não foram escriturados.

**Figura 1 – Domicílios Particulares Permanentes (2010)**



Fonte: IMB (2017)

Podemos observar que somente dois municípios apresentam domicílios no campo acima de 1.000 propriedades, Itapuranga (1.746) e Goianésia (1.277). Nas outras 20 municipalidades, os dados demonstram as propriedades que variam de 149 (Rianópolis) a 945

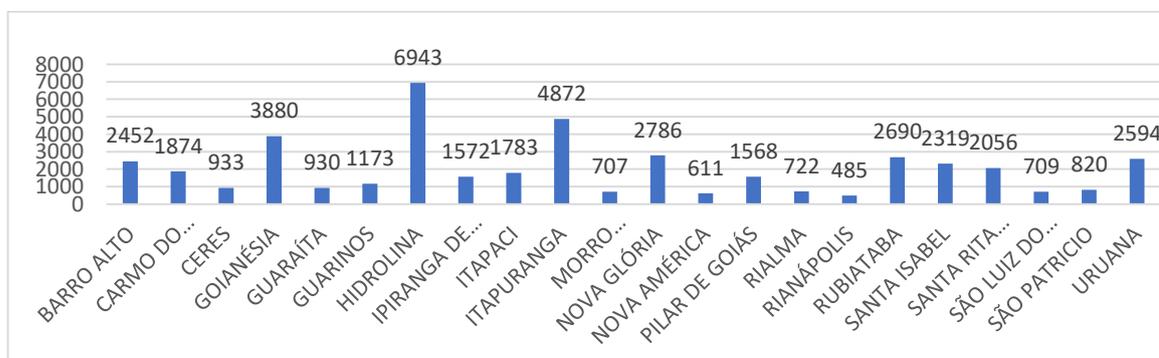


(Nova Glória). Salientamos que não houve uma preocupação em discriminar o tamanho e módulos rurais das propriedades, levando-nos a inferir, nesse primeiro olhar, que é uma tentativa de igualar os diferentes, negando um processo histórico de embates para na terra permanecer, na sua conquista e fazê-la produzir os alimentos essenciais para a manutenção da vida.

Evidente que, aos avançarmos em nossa análise, com a apresentação das inúmeras atividades produtivas nessas municipalidades vamos perceber que houve uma significativa concentração de terras. Exemplo a ser destacado é a história do município de Ceres (340 domicílios). Lembremos que Ceres é fruto da criação da Colônia Nacional Agrícola de Goiás (CANG), em 1941, pelo Governo de Getúlio Vargas. Projeto Varguista da “Marcha para o Oeste”, cuja intenção foi povoar o território. Ao observarmos os dados de 2017, inferimos que houve uma concentração de terra em 340 propriedades, entendendo que, mesmo com essa concentração, ainda hoje, a agricultura camponesa se faz presente com o seu projeto de resistência. Demonstração disso, pode ser vista com a Feira do Produtor e das ações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ceres.

Para entendermos o povoamento desse território apresentemos os dados da população que vive no campo. Ressaltamos que, nos dados copilados aqui, utilizamos os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Convidamos para pensar, antes da apresentação das informações em uma contradição interessante, pois Itapuranga, que tem o maior número de propriedades rurais (1746), não se constitui com a maior população na Microrregião, com seus 4.872 habitantes. Ao passo que Hidrolina, com suas 346 propriedades, tem uma população de 6.943 habitantes. Vejamos a Figura 2.

**Figura 2 – População Rural Contada (2010)**



Fonte: IBGE (2017)

Visualizamos com os números apresentados tanto pelo IMB quanto pelo IBGE, que há 44.479 habitantes vivendo no campo nas municipalidades estudadas. Toda essa população



vivendo em 13.090 propriedades particulares. Resultando numa média de 3,39 habitantes por propriedades na Microrregião de Ceres. Se olharmos os números sem uma análise mais acurada, poderíamos até dizer que há uma média interessante de habitantes por propriedade. Contudo, devemos entender que em municípios como Goianésia, com uma população de 3880 pessoas vivendo no campo é fruto dos processos de luta pela reforma agrária entre 1996-2017, como podemos visualizar nos dados a seguir:

**Quadro 1 – Famílias Assentadas**

MUNICÍPIO	ASSENTAMENTO	FAMÍLIAS
GOIANÉSIA	VITÓRIA	61
	PRESENTE DE DEUS	136
	ITAJÁ II	18

Fonte: INCRA/GO (2017)

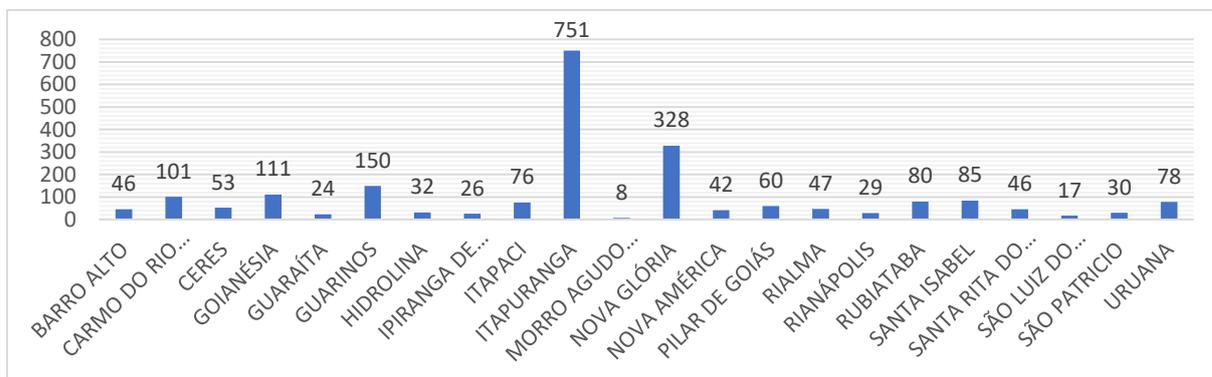
Depois de apresentamos uma tentativa de visualização espacial e populacional do objeto em discussão apresentamos a seguir alguns dados econômicos da produção do campo, ressaltando que vamos apresentar estatísticas consolidadas que envolvem produtores, sejam agricultores camponeses ou agronegociantes. Discutiremos a partir de um olhar às avessas, buscando perceber como a produção camponesa se inseri nos números apresentados. Importante ressaltar que, os dados aqui tabulados referem-se ao período de 2017, tudo em decorrência de ter não termos conseguidos elaborar um intervalo que oriente na compreensão das inúmeras atividades produtivas de alimentos da agricultura camponesa.

Ressaltamos ainda que seja preciso entender e compreender que encontramos, em alguns municípios o predomínio de atividades do grande agronegócio, mas que estão presentes também, silenciados nestas estatísticas oficiais, produções dos camponeses familiares que continuam sendo importantes e exclusivas. Vejamos a produção de ovos, com dados tabulados nos 22 municípios.

Ao vermos os dados tabulados, visualizamos a produção de ovos ficando, em sua grande maioria, abaixo de 200 mil dúzias anuais. Destoa a produtividade em Itapuranga (751 mil) e Nova Glória (328 mil). Guarinos produziu 150 mil dúzias de ovos, em 2017, com 1.173 habitantes no campo, em 421 propriedades. Um outro ponto de interpretação e que nos convida à reflexão é o caso de Hidrolina, com uma população de 6.943 habitantes que vive no campo, conseguiram produzir somente 32 mil dúzias de ovos.



**Figura 3 – Produção de Ovos/Dúzia/Mil (2017)**

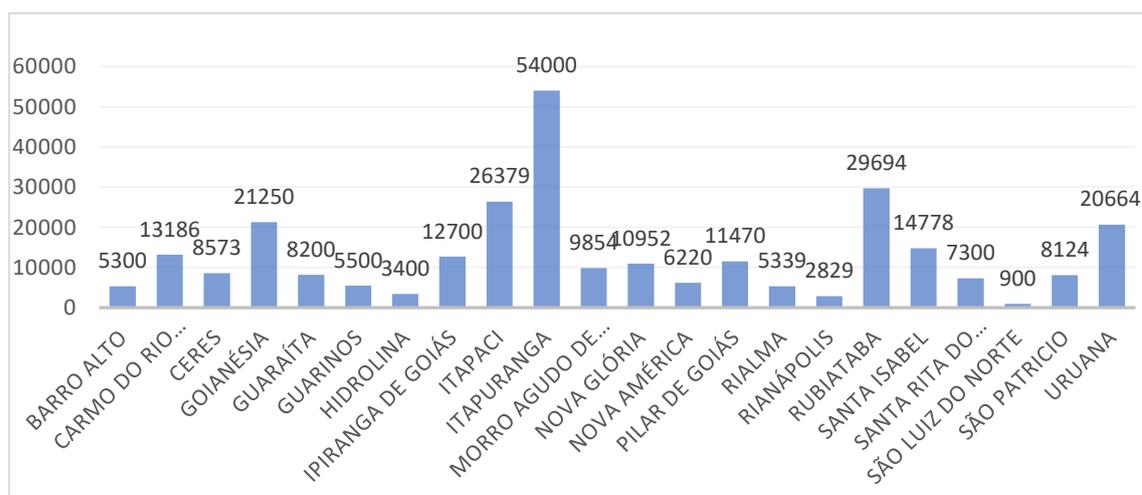


Fonte: IMB (2017)

Nova Glória, com 611 habitantes, produziu dez vezes mais ovos que Hidrolina, 328 mil dúzias anuais. Se os dados estiverem corretos e não há subnotificação, caberia um estudo técnico específico para o levantamento das razões dessa diferença. Precisamos ficar atentos para analisarmos a produção dessa atividade essencial para os camponeses que comercializam nas feiras da agricultura familiar e livres nas municipalidades. Até mesmo os dados oficiais reconhecem a relevância dessa atividade da agricultura familiar.

Outra atividade produtiva que se faz presente nas 22 municipalidades é a leiteira. Os números apresentados (Figura 4) são interessantes e podem nos levar a perceber que não são as grandes propriedades que ajudam nos números em milhões de litros de leite anual. Barro Alto que tem 784 propriedades produziu em 2017, 5.300.000 litros/ano.

**Figura 4 – Produção de Leite/Litros/Mil (2017)**



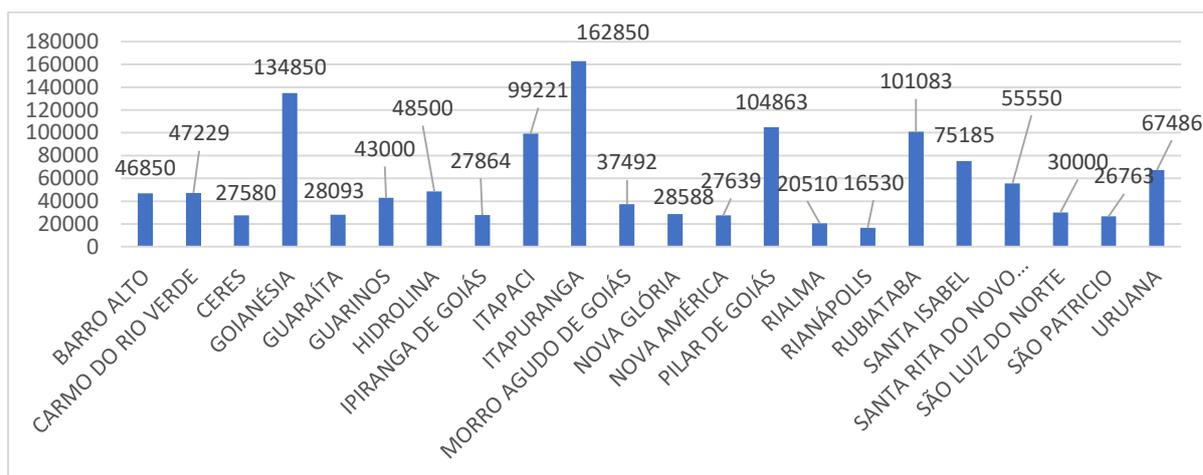
Fonte: IMB (2017)

Interessante que, se observarmos a produção leiteira do município de Itapuranga, que tem o maior número de propriedades, consta que produziu 54.000.000 litros em 2017. Assim,



podemos perceber que a produção da bacia leiteira nessa municipalidade se deve à importante divisão de terras ali existentes. Comparando com o gráfico a seguir (Figura 5), no qual consta o número de cabeças de bovinos na Microrregião de Ceres, encontramos subsídios para a compreensão do que se passa.

**Figura 5 – Criação de Bovino/Cabeça (2017)**



Fonte: IMB (2017)

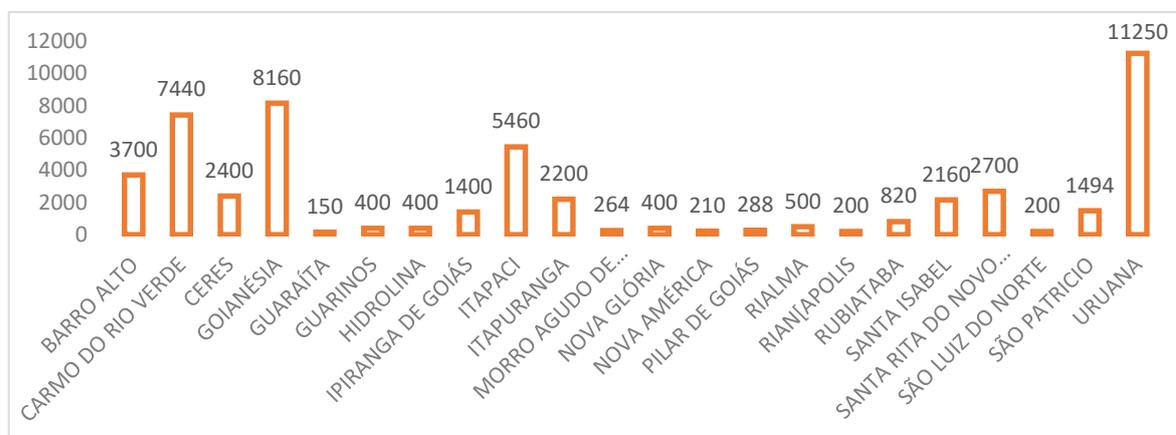
Ao observarmos os números do município de Goianésia, mesmo com 134.850 cabeças de bovinos, vemos que produziu 21.250.000 litros/ano, demonstrando que nem todo esse plantel é destinado à produção leiteira. Portanto, a partir desses dados, podemos constatar que há uma dificuldade de escrutínio que possa balizar o papel da agricultura familiar camponesa na produção leiteira, mesmo sabendo que estão embutidos nos dados oficiais. Para que possamos pensar um pouco mais, apresentamos a seguir os dados da coleta anual da Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga. Em 2017 foram produzidos 7.201,831, em 2018 foram 8.166.231 e em 2019 foram 14.089.513 litros de leite<sup>5</sup>, em sua grande maioria por agricultores/camponeses.

Outra produção presente nos 22 municípios é a do milho com importantes variantes entre os dados tabulados (Figura 6). Interessante que, nos municípios que apresentam os dados mais proeminentes em milho, está presente também a produção canvieira, como Carmo do Rio Verde, Goianésia, Itapaci e Uruana, levando-nos a inferir que tal lavoura de milho não faz parte, em grande escala, da produção nas municipalidades que apresentam maiores indicadores de propriedades da agricultura familiar/camponesa, como Hidrolina e Itapuranga.

<sup>5</sup> Dados coletados na Secretaria da Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga que mantém, hoje, agosto de 2020, 124 pontos de coleta de leite (tanques de resfriamento) nos municípios de Itapuranga, Guaraíta, Heitorai e Faina



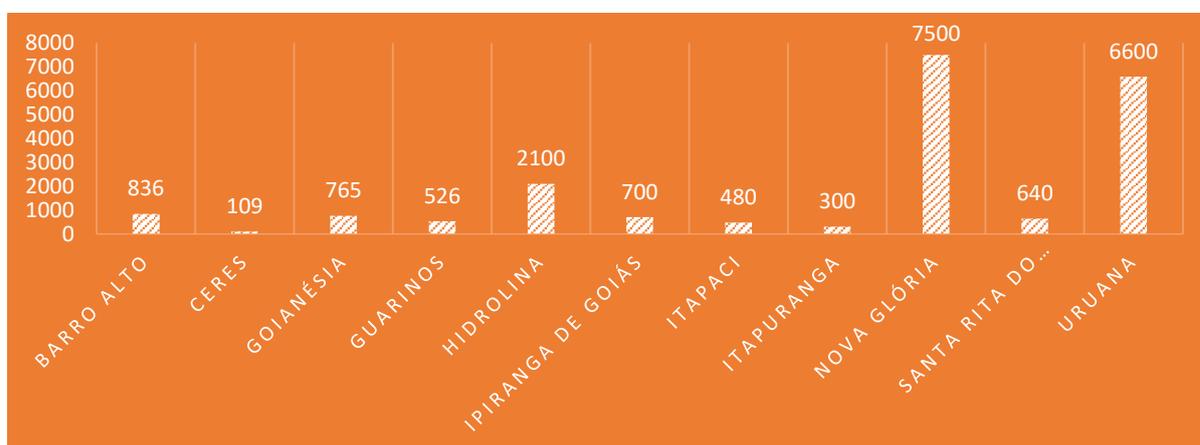
**Figura 6 – Produção de Milho/Tonelada (2017)**



Fonte: IMB (2017)

A produção da mandioca, atividade que foi registrada pelo IMB em 12 municípios, como demonstrado na Figura 7, podemos visualizar que houve uma variação de produção que vai de 109 toneladas/ano, em Ceres, a 7.500 toneladas/ano, em Nova Glória. Ao passo que, em contato com os Sindicatos de Trabalhadores de alguns municípios dessa Microrregião fomos informados de que os camponeses produzem a mandioca, vendida em feiras livres ou manufaturas – farinha e polvilho.

**Figura 7 – Produção de Mandioca/Tonelada (2017)**



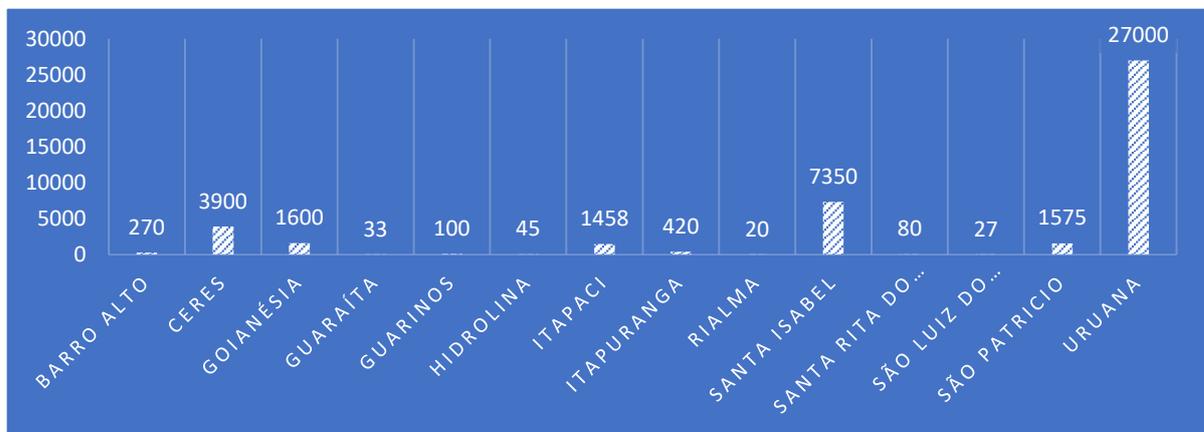
Fonte: IMB (2017)

Interessante observar que Nova Glória tem uma população que vive no campo de 611 habitantes, com uma produção de mandioca de 7.500 toneladas. Vejam que, em Uruana, que tem 2.594 pessoas vivendo no campo, há uma produção de 6.600 toneladas. Comparação que pode ser feita com Hidrolina, com 6.943 habitantes, cuja produção foi 6.600 toneladas, lembrando ainda que, em outros quesitos, este município também representa importantes números, como a produção de feijão.



Os dados aferidos em relação à produção de banana dão conta de que foram 14 municípios da Microrregião de Ceres que tem produção registrada no IMB. Salientamos que Uruana se destaca com o maior percentual de toneladas produzidas, na ordem de 27.000; seguida por Santa Isabel, 7.350, e Ceres, com 3.900 toneladas. Em 8 municípios, a produção não chega a 300 toneladas/ano. Em visitas em propriedades da agricultura familiar em Itapuranga, Guaraíta e Morro Agudo de Goiás, encontramos bananais plantados, fazendo-nos pensar que há subnotificação (Figura 8).

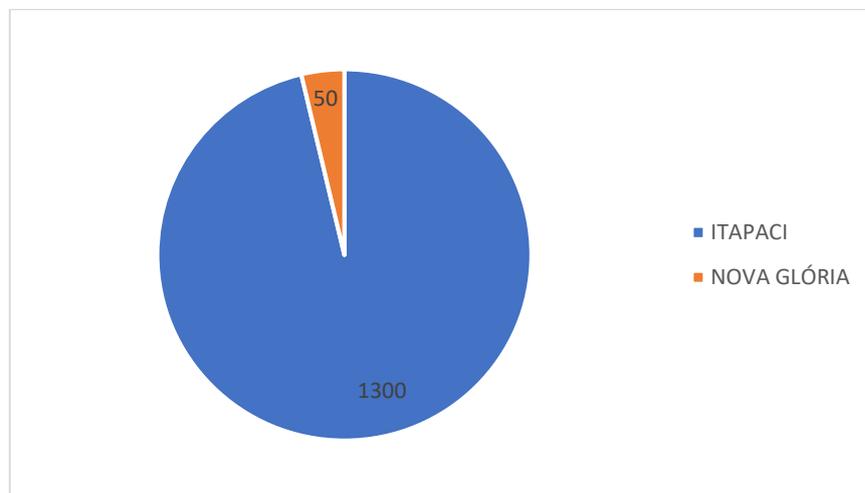
**Figura 8 – Produção de Banana/Tonelada (2017)**



Fonte: IMB (2017)

Em relação à produção de abóbora, aparecem nos dados do IMB somente dois municípios, Itapaci e Nova Glória. Tudo indica que tais dados são baseados na comercialização que atravessa a Central de Abastecimento de Goiás (CEASA); ou foram fornecidos pelas Secretarias Municipais de Agricultura, com evidente subnotificação, pois encontramos muitas bancas que comercializam a abóbora nas feiras de produtores e livres na Microrregião.

**Figura 9 – Produção de Abóbora/Tonelada (2017)**

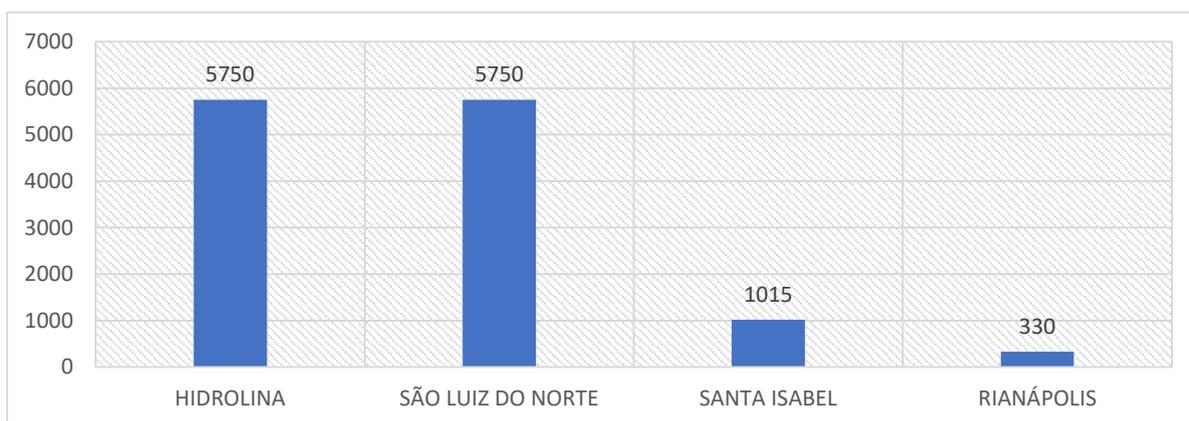


Fonte: IMB (2017)



Os dados que estão disponibilizados sobre a produção de abacaxi não levaram em consideração a produção familiar, haja vista que, nos registros da comercialização foram computados apenas os produtos disponibilizados na Central Abastecimento de Goiás ou na receita estadual, quando da circulação do produto.

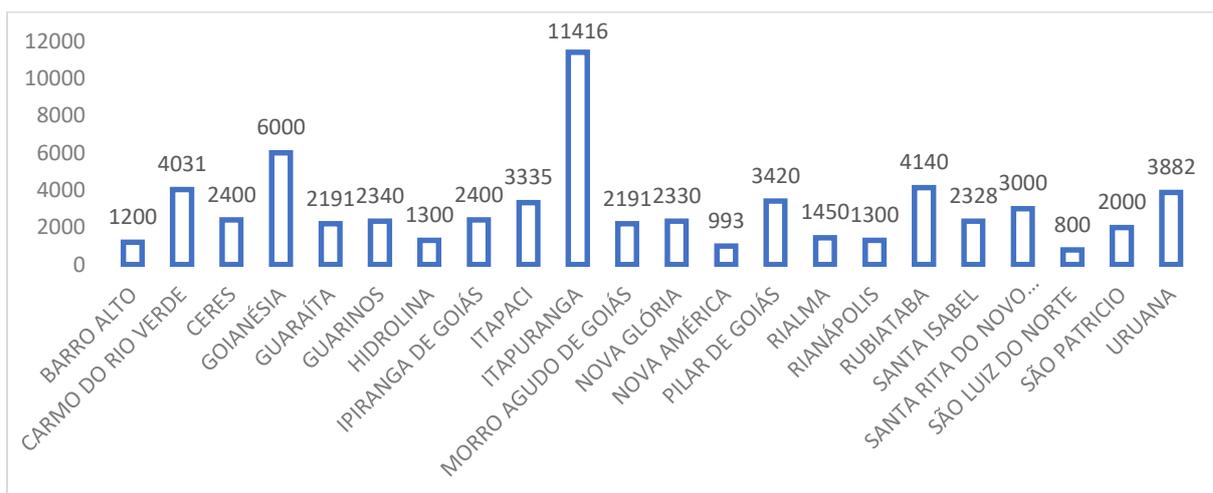
**Figura 10 – Produção de Abacaxi/Tonelada (2017)**



Fonte: IMB (2017)

Ao apresentarmos os dados da produção suína, também presentes nos 22 municípios, Itapuranga se destaca com 11.416 cabeças, seguido por Goianésia, que apresenta uma produção quase 50% inferior, com 6.000. Em São Luiz do Norte, encontramos a menor produção suína, com 800 cabeças.

**Figura 11 – Criação de Suínos/Cabeça (2017)**

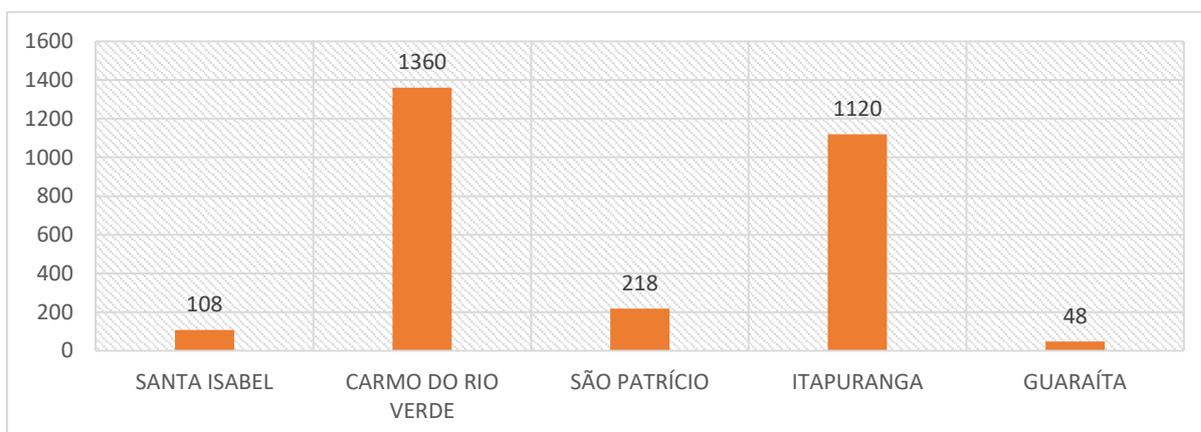


Fonte: IMB (2017)

Como um produto sempre presente na produção camponesa, a produção de maracujá aparece, nos dados do IMB, apenas em 05 municípios, com Carmo do Rio Verde e Itapuranga, como os maiores produtores, com 1.360 e 1120 toneladas respectivamente.



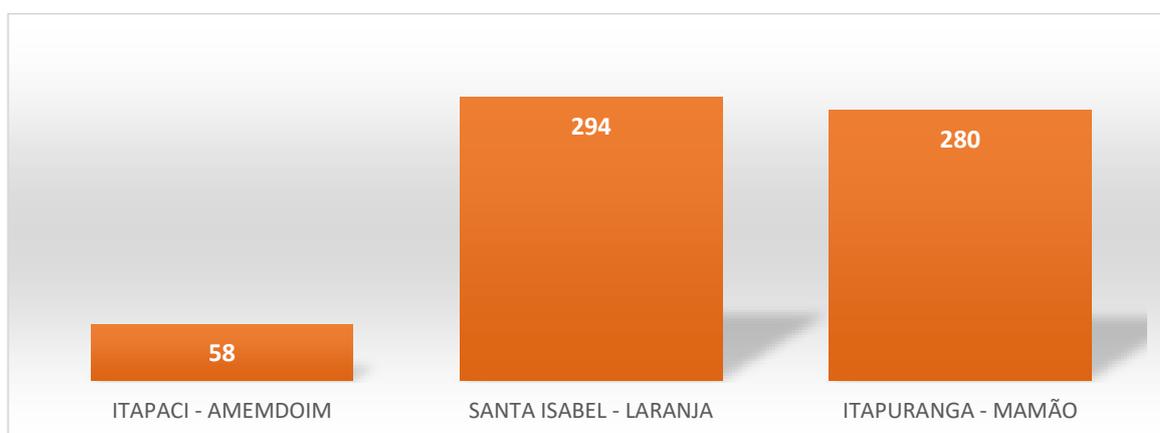
**Figura 12 – Produção de Maracujá/Tonelada (2017)**



Fonte: IMB (2017)

Na Figura 13, apresentamos três produções, haja vista que, somente um município em toda a Microrregião produziu amendoim, laranja e mamão. Sendo assim distribuídos: Itapaci, 58 toneladas de amendoim, Santa Isabel, 294 toneladas de laranja e Itapuranga, 280 toneladas de mamão. Não foram computadas tais variedades produtivas nos outros 19 municípios pesquisados.

**Figura 13 – Produção de Amendoim, Laranja e Mamão/Tonelada (2017)**



Fonte: IMB (2017)

Após uma revisão tabulada dos dados estatísticos em relação à produção camponesa em Goiás, tendo como recorte temporal o ano de 2017 e espacial a Microrregião de Ceres, no Estado de Goiás, foi possível fazermos uma análise do conjuntural desses números. Temos certeza de que as famílias camponesas têm uma significativa contribuição na tarefa de alimentar nossa população, mesmo que sua produção agrícola e pecuária não tenha sido devidamente espelhada nos dados oficiais do IMB e IBGE. Daí a necessidade de um olhar mais atento sobre as experiências produtivas do campesinato.



## Conhecendo a Produção Camponesa

Plantar e colher os frutos para alimentar o seu grupo familiar, bem como, atender a coletividade em que está inserido são atividades fundamentais para a manutenção da vida. O olhar campesino daquilo que deve ser semeado e colhido relaciona-se com a segurança e o abastecimento de viveres que consegue colocar em suas tulhas. Semear as hortaliças, legumes, arroz, milho, tubérculos, criar de galinhas e porcos são essenciais na culinária camponesa. O aumento dessa cadeia alimentar, depois de abastecida as necessidades do grupo familiar são colocadas à disposição da comunidade nas feiras livres e nas feiras da agricultura familiar. Também são levadas para o comércio local ou vendidas de casa em casa nas ruas das cidades.

Para além dos alimentos listados nos levantamentos estatísticos apresentados no item anterior, constatamos em nossas visitas que há produção de abacate, acerola, batata doce, coco, figo, goiaba, limão, manga, tangerina, tomate de mesa, uva e derivados do leite e carne provenientes da agricultura familiar/camponesa regional. No conjunto das mãos que produzem alimentos, constatamos que há uma variedade enorme de ofertas para o consumo familiar em escala regular; produção invisível nas estatísticas governamentais, muito mais focadas no agronegócio.

Os exemplos são variadíssimos. No município de Itapuranga, há inúmeros produtos nas bancas expostas todas as quintas-feiras na Feira do Produtor, que não são cobertas pelas enquetes do IMB. Para corroborar com essa subnotificação, somente em Itapuranga há 8<sup>6</sup> produtores de uva em escala comercial relativamente avançada. Nas Feiras da Agricultura Familiar podemos encontrar cebola de folha, coentro, pepino, manjeriço, salsa, maracujina, rabanete, capim cidreira, diversos tipos de queijos, carnes suína e de frango, sem contar a diversidade de doces, além das mais variadas produções de alimentos que não estão listadas nas estatísticas apresentadas à sociedade. Portanto, há uma ausência de informação sobre essa completa produção alimentar que os camponeses colocam em nossas mesas.

O olhar amplia-se quando participamos *in loco*, no dia 03 de abril de 2018, do mutirão para colheita do arroz no Assentamento Curral de Pedras (PA Paulo Gomes), no município de Itapuranga. Naquela oportunidade, fomos levados para a roça, em meio ao arrozal, em uma baixada cercada por plantas do cerrado, como se estivéssemos em um oásis, onde constatamos

---

<sup>6</sup> Informação repassada por Maria Pereira dos Santos, Presidenta da Central das Associações de Produtores Familiares de Itapuranga (CAPRAFI), entidade que coordena as atividades da Feira do Produtor em Itapuranga. As edições da Feira do Produtor acontecem todas as quintas-feiras, das 17 h até 19 h. Nestes tempos da pandemia do Coronavírus, excepcionalmente, as atividades acontecem no mesmo dia da semana, das 16 h às 19 h.



a fartura, sonhos e venturas realizados. Ao final daquele dia, foram colhidas 120 sacas de arroz, que certamente não foram incluídas nas estatísticas oficiais.

**Figura 14 – Assentamento Curral das Pedras (PA Paulo Gomes) – Itapuranga/GO (2018)  
Colheita de Arroz**



Foto: Silva, V.M.

Fonte: Silva (2018)

No dia 17 de setembro de 2019, em outra visita ao PA Paulo Gomes, realizada com representantes de entidades parceiras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Cora Coralina e Itapuranga), Pastoral da Saúde da Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Diocese de Goiás), Comissão Pastoral da Terra (CPT/Regional Goiás), Instituto Cooruja e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, acompanhamos a produção alimentar de hortaliças da comunidade composta por 12 famílias (Figura 15).

**Figura 15 – Assentamento Curral das Pedras (PA Paulo Gomes) – Itapuranga/GO (2018)  
Produção de Hortaliças**



Foto: Silva, V.M.

Fonte: Silva (2019)



Em outra experiência vivida por nós, no dia 10 de janeiro de 2020, tivemos a oportunidade de participar de um evento que tinha como objetivo a análise da conjuntura no Acampamento Marielle Franco, em Morro Agudo de Goiás, momento em que verificamos tanto a produção agrícola quanto a luta pela terra destes camponeses.

**Figura 16 – Acampamento Marielle Franco – Morro Agudo/GO (2020)**



Foto: Silva, V.M.

Fonte: Silva (2020)

Apesar de ser uma terra em litígio jurídico e com inúmeras disputas em jogo, encontramos roças plantadas e que seriam colhidas em breve, muito provavelmente, não farão parte dos dados quantitativos (estatísticos) do Estado de Goiás. Embora essas atividades não sejam contabilizadas, as lavouras de arroz, milho e mandioca servem para alimentar 25 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais em Terra (MST) acampadas, nas terras da Judéia, Lages e Piratininga.

O que podemos entender por meio dessa exposição, é a certeza de que os dados não são justos com a contribuição produtiva dos camponeses da Microrregião estudada. Há encobrimento do intenso processo histórico de formação campesina, que marcou a trajetória do cuidar da terra, regar, plantar e colher os frutos que alimentam e impulsionam a manutenção contínua desse viver no campo.

Aprendemos com esse olhar às avessas da produção dos camponeses, que estão sempre em marcha e a certeza de que existe um processo de silêncio, ocultação e subnotificação dos dados apresentados pelos órgãos oficiais de estatísticas quando se referem às famílias agricultoras/camponesas. Observamos que essa diversidade na produção de alimentos merece um banco de dados mais introspectivo e que dê conta dessa realidade, pois senão, corre-se o



risco de continuarmos narrando e contando essa trajetória histórica com uma leitura simplificada de todo esse processo.

### **Considerações Finais**

A marcha dos camponeses em Goiás, representada pelo escopo estudado, nos proporciona uma outra visão/compreensão dessa realidade. Uma dimensão que precisa ser entendida como a capacidade produtiva de alimentos, do cuidar da terra, preparar, semear e colher os seus frutos, não como uma cadeia produtiva somente mercadológica. Há sim um sentido de propiciar a fartura, ventura às famílias e o bem coletivo de milhares de outras pessoas que consomem os produtos advindos do esforço e trabalho camponês.

Não é somente da produção descrita em números apresentadas pelos órgãos de governo que se descreve a produção alimentar dos camponeses. Devemos estar atentos para entender que a trajetória de luta, embates e marchas dos camponeses está carregada de significados com a terra e sua produção alimentar, pois ao adentrarmos em um acampamento, assentamento ou propriedade fixa camponesa somos sempre envolvidos por uma atividade que nos remete à produção de alimentos.

A terra que produz a vida a partir das experiências produtivas dos camponeses deve ser compreendida com esse olhar às avessas, não apenas com estatísticas que servem ao mercado exclusivamente. Encontramos nas mesas e bancas da agricultura camponesa nas feiras uma variedade de produção alimentar que está sem quantificação nos dados do IMB. Razão pela qual constatamos que muitas atividades de cultivos realizadas pelas famílias camponesas nos municípios da Microrregião de Ceres necessita de uma nova compilação de dados para entendermos a real situação do quadro produtivo.

Por isso, ao questionarmos quais produtos são comercializados nas Feiras da Agricultura Familiar nas municipalidades da Microrregião de Ceres, encontramos a seguinte descrição resumida dos produtos: “hortifrutigranjeiro, queijo, requeijão, manteiga, leite *in natura*, doces cristalizados, rapadura, melado, caldo de cana, açúcar mascavo, defumados, salgados, caldos, peixes e variedade de frutas do cerrado e da época<sup>7</sup>”.

A par dessas informações o que podemos apreender das descrições produzidas pelos dirigentes sindicais é uma realidade muito mais alvissareira ao olharmos a quantidade de produtos que são ofertados pelos camponeses à sociedade brasileira e goiana, como um todo.

---

<sup>7</sup> Descrição retirada do questionário eletrônico encaminhado, via e-mail, para os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da Microrregião de Ceres.



O percurso intentado por nós fornece a dimensão de como são subnotificadas as ofertas produtivas que vêm do campesinato, mesmo porque, muitas atividades desenvolvidas pelo grande agronegócio estão na ordem do dia e constam na variedade produtiva dos camponeses, no entanto, não são mensuradas numericamente como deveriam ser.

Ao conhecer a realidade não somente dos camponeses que estão nas estatísticas de proprietários fixos, por meio de nossas visitas e diálogos realizados com alguns sujeitos, ou seja, agricultores familiares tradicionais, acampados e assentados na territorialidade estudada, conseguimos estar frente a frente com atividades produtivas camponesas que não foram incluídas nos dados tabulados e dimensionados em estatísticas oficiais do IMB e IBGE.

Daí, rememoramos a visita ao Acampamento Marielle Franco, quando à primeira vista, o que nos encantou foram os plantios de milho, cebola, plantas medicinais e roças de arroz, milho e mandioca; razão pela qual, alguns acampados nos indagaram se tínhamos um tempo para visitarmos as lavouras no outro lado do acampamento. A história da luta pela terra sempre rimou com a produção de alimentos e com a certeza de a comunidade do bem viver ou de vida, representa sempre os frutos bons colhidos para saciar a fome dessas comunidades.

Assim, ao contrastarmos com os dados apresentados pelas instituições representativas das famílias agricultoras camponesas<sup>8</sup>, podemos seguramente inferir que há uma subnotificação de inúmeros produtos que são quantificados em termos de produção nas municipalidades pesquisadas pelo IMB. É importante registrar que, mediante informações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga, da Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga (COOPERAFI), de informações da comunidade da Universidade Estadual de Goiás em Itapuranga e dos relatos orais dos camponeses que experienciam a realização da Feira do Produtor, há uma clara demonstração de que o cardápio dos produtos cultivados pelos camponeses é superior ao apresentado nas estatísticas oficiais, reiterando o nosso olhar às avessas.

## Referências

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

---

<sup>8</sup> No sentido de identificarmos com mais clarividência a produção camponesa na Microrregião de Ceres, respeitando a divisão proposta pelo IMB, aplicamos um questionário, enviado eletronicamente, para serem respondidos pelos dirigentes sindicais dessas municipalidades. Dados estes que nos possibilitaram apropriar de informações que foram importantes na feitura do contraste com os dados oficiais do IMB. Salientamos ainda que, o questionário fora enviado como um pedido de contribuição voluntária aos dirigentes sindicais, razão pela qual, muitos não fizeram a devolutiva do mesmo.



- BRANDÃO, C. R. **Memória sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. Uberlândia: Editora Cone Sul/UNIUBE, 1998.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, C. R.; RAMALHO, J. R. **Campesinato goiano**: três estudos. Goiânia: UFG, 1986.
- CANDIDO, A. **Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação. São Paulo: Editora 34, 1979.
- IOKOI, Z. G. **Igreja e camponeses**: teologia da libertação e movimentos sociais no campo – Brasil e Peru (1964-1986). São Paulo: Hucitec, 1996.
- LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
- LINHARES, M. Y.; SILVA, F. C. T. **Terra prometida**: uma história da questão agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- LUNARDI, V. M. **As organizações dos trabalhadores rurais (Sindicato, Associação, Cooperativa) e a agricultura familiar** – uma reflexão sobre Goiás. 1999. Tese, Rio de Janeiro, 1999, Tese. MARTINS, J. S. **A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARTINS, J. S. **Expropriação e violência**: a questão política no campo. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1990.
- MATOS, G. R.; MARIN, J. O. B. Agricultores familiares e sistemas de produção de frutas em Itapuranga, Goiás. **Pesq. Agropec. Trop.**, Goiânia, v. 39, n. 3, jul./set. 2009.
- MENDES, E. P. P. **A produção rural familiar em Goiás**: as comunidades rurais no município de Catalão. 2005. 294f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2005.
- MESQUITA, L. A. P.; MENDES, E. P. P. Mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás (GO). **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Territórios em disputa. Os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. Uberlândia/MG, 15 a 19 de outubro de 2012. PESSOA, J. M. **A Igreja da denúncia e o silêncio do fiel**. Campinas: Alínea, 1999.
- PESSOA, J. M. **A revanche camponesa**. Goiânia: Ed. UFG, 1999.
- PESSOA, J. M. **Saberes em festa**: gesto de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Kelps/UCG, 2005.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Tomo I. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.